

ROCK ART IN CONTEXT: LATE BRONZE AGE MOTIFS IN MONSARAZ (ALENTEJO, PORTUGAL)

Manuel Calado
Leonor Rocha
Ivo Santos
Alexandra Pimenta
CIDEHUS – Universidade de Évora
PORTUGAL

RESUMEN

Following the discovery of a large Late Bronze Age/Early Iron Age settlement, beneath the medieval town of Monsaraz, careful inspection of the slate outcrops, around and inside the walled area of the proto-historic settlement, allowed the observation of a significant number of very thin incised engravings.

These motifs mostly consist on geometric patterns (squares, stars, grids) but also at least one anthropomorphic figure; some of the panels display apparently unarticulated lines, which may correspond to different motifs superposed.

These panels are frequently associated with cup-marks of different sizes and organization modes, presumably contemporaneous with the incised motifs.

It is pertinent to approach these rock art manifestations with some others, found, some years ago, in the Alqueva Dam area, attributed to the Early Iron Age. Both are thinly incised, though they are inscribed in quite different landscapes.

1. História da investigação

A área que corresponde ao actual concelho de Reguengos de Monsaraz é particularmente rica em vestígios arqueológicos, sobretudo no que diz respeito ao megalitismo e povoamento associado.

O seu património megalítico começou a ser inventariado, desde meados do séc. XX, pelo casal Georg e Vera Leisner, que viria a culminar na publicação de uma monografia, à escala apenas concelhia (Leisner e Leisner, 1951).

Nos anos subsequentes, este trabalho foi continuado, por um investigador local, o Dr. José Pires Gonçalves, o qual viria a identificar vários monumentos megalíticos não funerários (menires e recintos megalíticos), e por investigadores ligados a duas instituições, a Fundação da Orada e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No entanto, no que diz respeito ao inventário da arte rupestre, nesta área, o inventário só foi iniciado praticamente no contexto da implementação do Projecto Alqueva que, através de um conjunto de prospecções sistemáticas na área do regolfo da futura barragem, conduziu à identificação de um notável conjunto de manifestações rupestres, no leito do Rio Guadiana; no lado de Espanha, os painéis gravados apareceram concentrados num núcleo extraordinariamente rico (Molino del Manzánéz) enquanto, no lado português as gravuras se dispersavam ao longo de dezenas de quilómetros, embora conformassem igualmente três núcleos principais (Retorta, Casa da Moimhola e Malhada dos Gagos) (Calado, 2001b).

Fora do Regolfo do Alqueva, os primeiros painéis com arte rupestre foram registados igualmente pela equipa de prospecções da Edia (Silva, 1996) que localizou, nomeadamente, um dos conjuntos de S. Cristóvão, em Monsaraz.

2. Contextualização geográfica: o vale do Guadiana, no Alentejo Central

O vale do Guadiana apresenta, na maior parte do seu curso centro-alentejano, um carácter periférico, marginal, constituindo, por isso, uma fronteira natural por excelência, separando os territórios mais férteis do Alentejo Central dos da Extremadura espanhola. Essa função fronteira parece confirmada pelos dados arqueológicos, em algumas épocas, para além dos tempos mais recentes, nomeadamente a proto-história e a época megalítica.

Por outro lado, convém notar que a área de Monsaraz constitui uma excepção bem evidente, no curso do Guadiana alentejano, uma vez que o rio, que no restante troço, se encaixa em terrenos de xistos, de fraquíssimo potencial agrícola, aqui atravessa uma mancha de granitos, que originaram terrenos mais aptos agricolamente e com melhor transitabilidade.

As condicionantes paisagísticas acima referidas, de forma sintética são, em nossa opinião, fundamentais para explicar a presença e a distribuição da arte rupestre, dentro e fora do leito do Guadiana.

De facto, a arte do vale do Guadiana, encontra-se sobre bancadas de xisto, em cotas periodicamente inundáveis, apresentando-se as rochas fortemente patinadas pela acção das águas, o que constituía um excelente suporte para a execução das gravuras.

Mas, de Junho a Setembro, o leito do Guadiana constitui uma espécie de oásis, sendo o único local onde se encontram pastagens verdes, num raio de muitos quilómetros (Ribeiro, 1987; Daveau, 1985), constituindo-se assim como um local privilegiado em termos pastoris e cinegéticos.

Esta sazonalidade económica é igualmente importante para explicar as ocorrências de arte rupestre, em áreas mais descentradas, como é o caso da área em estudo. As fronteiras não são apenas linhas de separação das sociedades, mas também eixos de interacção e confluência.

3. Contextualização arqueológica: arte rupestre e povoamento proto-histórico na região

A análise espacial dos sítios inventariados, até ao momento, indica-nos uma notável concentração de arte rupestre, na área de Monsaraz, que, por enquanto, não, tem paralelos no resto da região.

Recorde-se que, em Monsaraz, foi recentemente confirmada, por um dos signatários (MC), a existência de um grande povoado do Bronze Final/Ferro, certamente um dos maiores, se não mesmo o maior, de todo o SW peninsular.

Nesse período, os grandes povoados encontram-se preferencialmente em áreas de cumeada, dominando visualmente extensas paisagens em redor, e parecem ter funcionado como grandes centros políticos e económicos, que geriam redes de pequenos sítios e, com frequência, controlavam rotas de alcance supra-regional.

A existência de um grande centro urbano, algures neste troço do vale do Guadiana, era um dado expectável apesar de, até agora, nunca ter sido objectivamente confirmado.

Um dos pressupostos dessa presunção era precisamente a forte incidência de pequenos e médios sítios de habitat da 1ª Idade do Ferro – sítios abertos, de vocação agro-pastoril – que tinham sido interpretados como o resultado do esvaziamento do povoamento castrejo, típico da fase anterior, numa fase de reorganização do povoamento, identificada igualmente noutras áreas peninsulares (Calado, Mataloto e Rocha, 2007).

4. Metodologia

Este trabalho, preliminar, foi elaborado com base em prospecções de superfície em torno de Monsaraz, assim como na informação disponível em publicações e/ou relatórios inéditos.

Tendo em conta o facto de que não existiam coordenadas fidedignas para as ocorrências anteriormente conhecidas e que, por outro lado, a maioria dos dados aqui apresentados serem inéditos, foi levado a cabo um programa de obtenção de coordenadas com GPS (Garmin GPS

III) e iniciada uma base de dados (File Maker Pro 9 Advanced), para registo das ocorrências, dividida por temas de informação, que nos pareceram ser os mais pertinentes para uma correcta avaliação do conjunto.

Os Campos desta tabela seguiram, dentro do possível, os parâmetros utilizados para o registo das gravuras da área de Cheles, recentemente publicadas (Collado, 2006)

TEMA 1 – Identificação do painel

Estação: designação atribuída.

Coordenadas: obtidas por GPS.

TEMA 2 – Caracterização do suporte

Tipo: Bloco solto; afloramento.

Disposição: vertical; sub-vertical; inclinado; sub-horizontal; horizontal

Orientação da inclinação: N/S/E/W

Dimensão: em metros.

TEMA 3 – Descrição do painel

Número de figuras.

Tipologia: Covinhas, filiformes,

Técnica: percussão, incisão

Sobreposição: Sim/ Não

Dimensão das figuras: em cm.

Estado de Conservação: mau, razoável, bom

Grau de Risco: (em relação a uma possível afectação/destruição) baixo, moderado, elevado, urgente.

TEMA 4 – Caracterização das figuras

Limpeza: Sim/ Não (para uma correcta visualização)

Fragmentadas: Sim/ Não

Tapadas por sedimentos: Sim/ Não/ Líquenes

Erodidas: Sim/ Não

Vivas: Sim/ Não

TEMA 5 – Outra informação

Observações: campo para registo de informações consideradas pertinentes.

TEMA 6 – Campo para imagem

Imagem: Fotografia e/ou Desenho

TEMA 7 – Campo para imagem

Cartografia: Extracto da Carta Militar de Portugal - Esc. 1: 25 000

Após a identificação e georreferenciação dos painéis, procedeu-se à limpeza dos mais significativos e removeram-se os líquenes com recurso a utensílios de madeira, escovas e água. Não foram usados utensílios metálicos nem compostos abrasivos na limpeza.

Efectuada essa operação, procedeu-se à montagem de uma quadrícula entre 10-20 cm de trama, dependendo da complexidade dos painéis em causa. As fotografias foram realizadas em modo macro, formato Raw, distando cerca de 3-5 cm do motivo e perpendicularmente ao mesmo em períodos do dia em que o sol incidisse obliquamente na superfície da rocha. Utilizaram-se duas câmaras diferentes, Olympus SP500UZ de 6.0Mp e Panasonic DMC-FZ50 de 10,1Mp, para maior fidelidade do resultado final.

Previamente à sua tintagem foi efectuado o tratamento das imagens Raw no programa Camera Raw do Adobe Photoshop CS3. A tintagem foi efectuada em Adobe Illustrator CS3 com traço de espessura variável, paralelamente ao traço evidenciado no motivo.

5. Apresentação dos resultados

5.1. N° de painéis/conjuntos identificados

O trabalho realizado, assume-se, desde já, como sendo um trabalho preliminar, uma vez que o número de painéis inventariados pode ainda vir a ser substancialmente aumentado, com uma batida e limpeza superficial de outros afloramentos e blocos soltos. Actualmente, encontram-se inventariados um total de 15 conjuntos na área de Monsaraz (ver mapa). Estes conjuntos, encontram-se ao ar livre (afloramentos e blocos soltos), mas também em vários abrigos naturais (de xisto) que foram utilizados em épocas proto-históricas e contemporâneas, como é exemplo de Serra de Motrinos 1, que apresenta uma grande diversidade de temas e estilos. As gravuras contemporâneas não serão contempladas pelo presente estudo. não sendo, no entanto, descuradas devido ao seu valor etnográfico e melhor compreensão dos painéis em causa, tendo em conta eventuais sobreposições a gravuras anteriores.

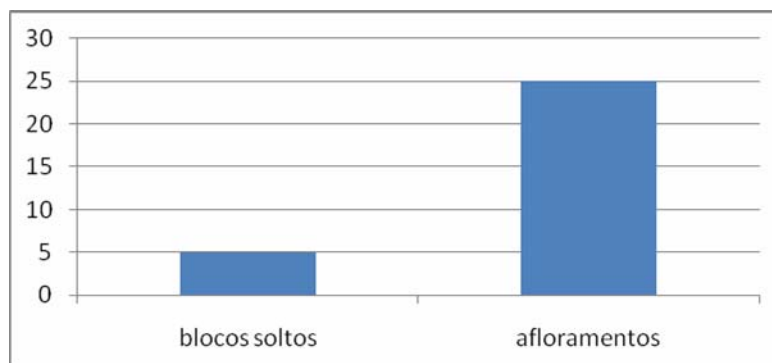


Gráfico 1. Tipos de suporte.

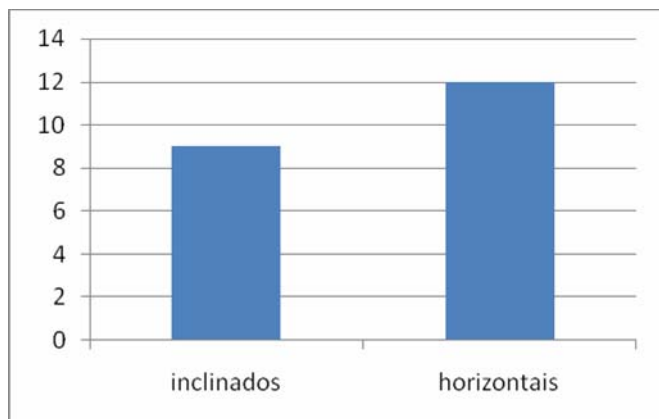


Gráfico 2. Disposição das gravuras.

A análise realizada permite-nos verificar que, em relação aos tipos de suporte, as gravuras aparecem mais sobre os afloramentos e, preferencialmente, em superfícies horizontais, ou quase horizontais.

5.2. Levantamento preliminar das gravuras existentes

O levantamento destes painéis permitiu identificar, tal como se referiu anteriormente, diferentes tipos e estilos de gravuras. Alguns, pela sua cronologia mais moderna, não serão apresentados no contexto deste trabalho.

O núcleo de arte rupestre de Monsaraz caracteriza-se pela existência de grande número de painéis com covinhas, em afloramentos, as quais, por vezes, surgem em relação directa com motivos filiformes. Destacam-se as estações da Serra de Motrinos 1, com vários exemplares de antropomorfos, São Cristóvão 3, o único que ostenta um círculo picotado e escaliformes e, Monte do Oliveirinha 5, com cinco pentagramas.

No que diz respeito aos filiformes, o tema que parece ser mais recorrente, são os jogos, variando na sua dimensão.

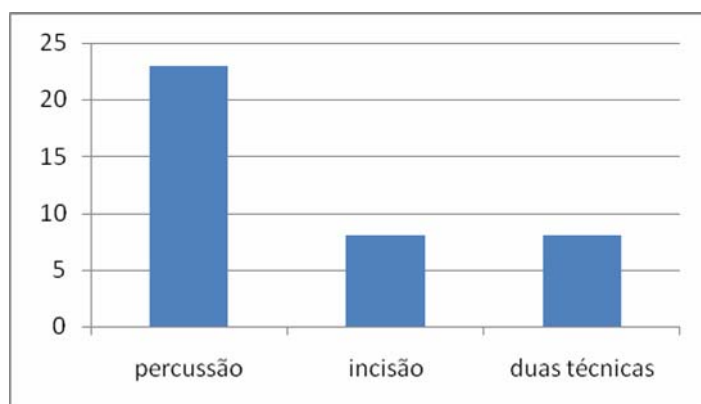


Gráfico 3. Tipos de técnicas

Como se pode verificar através do gráfico anterior, existem dois tipos de técnicas, sendo que a predominante é a percussão (relacionada quase exclusivamente com as covinhas) que aparece sozinha, ou em conjugação com a incisão.

Um ponto em comum entre todas as estações, estudadas até ao momento, é a sua orientação para S/SO.

6. Conclusão

Os dados aqui apresentados encerram, ainda, limitações várias, quer em termos de análise dos motivos quer da própria representatividade dos painéis inventariados.

Mesmo assim, permitem-nos, desde já, apontar a grande variabilidade de execução gráfica e pelo menos três momentos culturalmente e artisticamente distintos, provavelmente relacionados com o antigo povoado da Idade do Bronze/ Ferro, de Monsaraz, havendo, no entanto, a possibilidade da existência de núcleos culturalmente mais antigos e relacionados com ocupações distintas.

Felizmente, a área do Molino Manzánez (Cheles, Espanha), que constitui o principal núcleo de arte rupestre identificado, no vale do Guadiana, no âmbito do projecto de construção da barragem do Alqueva, foi recentemente publicado por Hipólito Collado Giraldo (Collado Giraldo, 2006), o que constituiu, desde logo, uma sólida referência para a região. Infelizmente, os trabalhos realizados na área mais próxima de Monsaraz (Retorta), ainda não se encontram publicados, para além de uma breve síntese preliminar (Baptista, 2002). No entanto, cruzando os dados obtidos com o trabalho do colega espanhol, identificaram-se algumas semelhanças na temática, nomeadamente na utilização de círculos picotados, esteliformes e escaliformes.

Convém observar, no entanto, que os motivos proto-históricos referenciados no leito do Guadiana se inserem num complexo rupestre que, aparentemente, remonta ao Paleolítico superior, com mais ou menos interrupções e com profundas mudanças estilísticas e técnicas (Calado, 2004a).

No caso das gravuras dos arredores de Monsaraz, que são o objecto deste trabalho, não parece haver antecedentes locais para as gravuras da Idade do Bronze/Ferro., excepto, eventualmente o círculo picotado que, aliás, ocorre absolutamente isolado.

Na verdade, os motivos protohistóricos agora publicados parecem relacionar-se directamente com o povoado fortificado de Monsaraz do que com o “santuário” rupestre do Alqueva, embora seja possível admitir algum tipo de relação.

No que diz respeito aos antropomorfos, é de realçar, para já, a existência de alguns pormenores em comum com a pintura do Levante, nomeadamente na *Cova del Pi* (Sanchidrián, 462), no paralelismo com os seus antropomorfos com a perna direita flectida, enquanto os dos Motrinos se encontram com a perna esquerda flectida. Outro ponto comum entre as duas estações é a orientação para SO de ambas.

Apesar das distâncias envolvidas, sabemos que a proto-história do sul meridional e, em particular, na sequência do impacte orientalizante, desenvolveu esquemas mentais e sociais muito convergentes.

Os resultados preliminares alcançados demonstram a necessidade da continuação do estudo da arte rupestre na região envolvente, e no próprio local de implantação do antigo povoado de Monsaraz. De facto, apenas com a análise estilística de todos os núcleos e todos os motivos, se poderá vir a interpretar a sequência cronológica da arte rupestre desta área, através da relação entre as presenças/ausências de determinados temas.

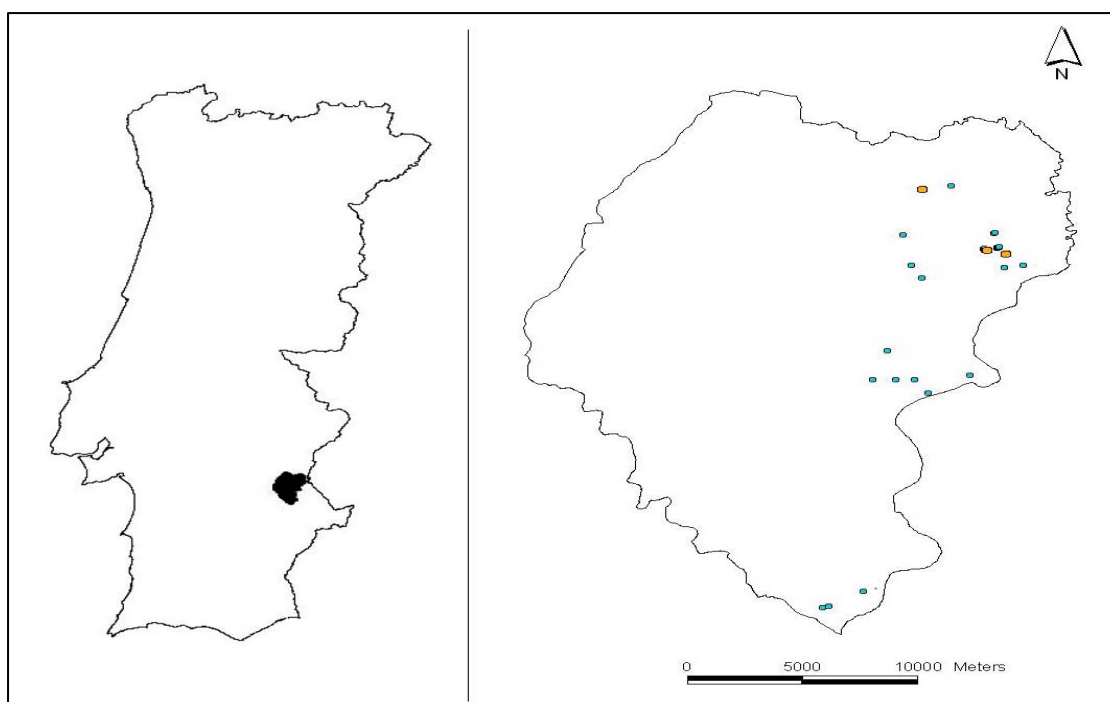


Figura 1 – Localização do concelho de Reguengos de Monsaraz e mapa de distribuição das gravuras



Figura 2 – Limpeza de um painel e quadrícula implantada

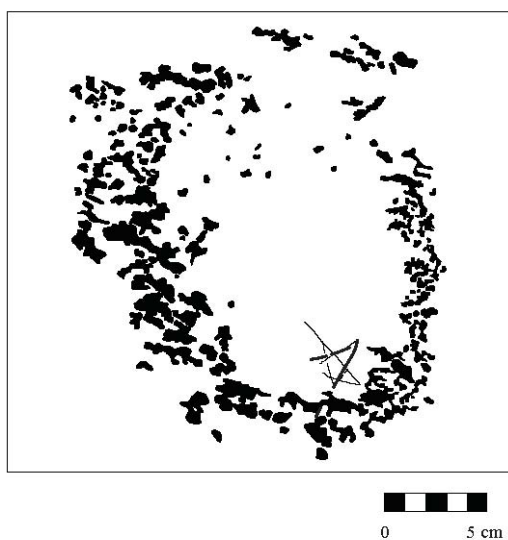


Figura 3 – Círculo picotado e esteliforme do núcleo de São Cristóvão 3

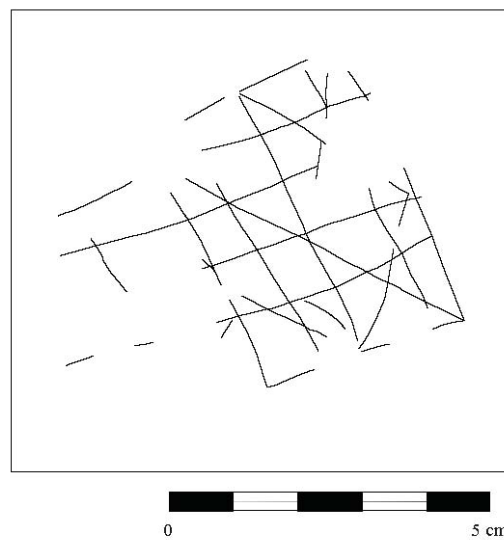


Figura 4 – Jogo filiforme do núcleo do Monte do Oliveirinha 4

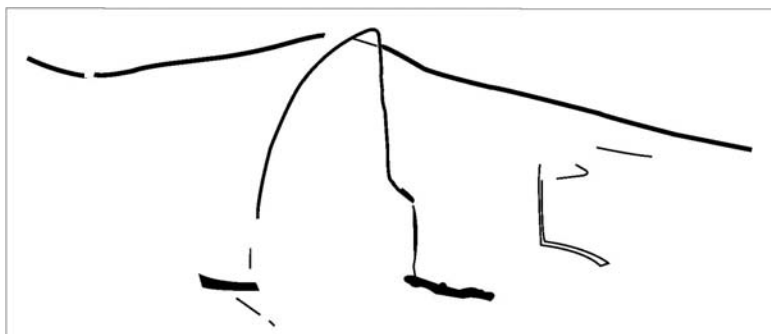


Figura 5 – Antropomorfo localizado no núcleo da Serra de Motrinos 1

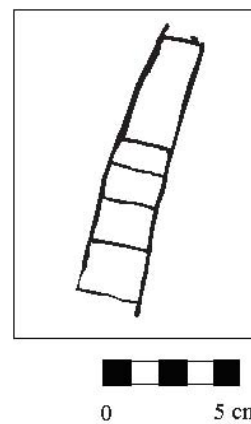


Figura 6 – Escaliforme do núcleo de S. Cristóvão 3

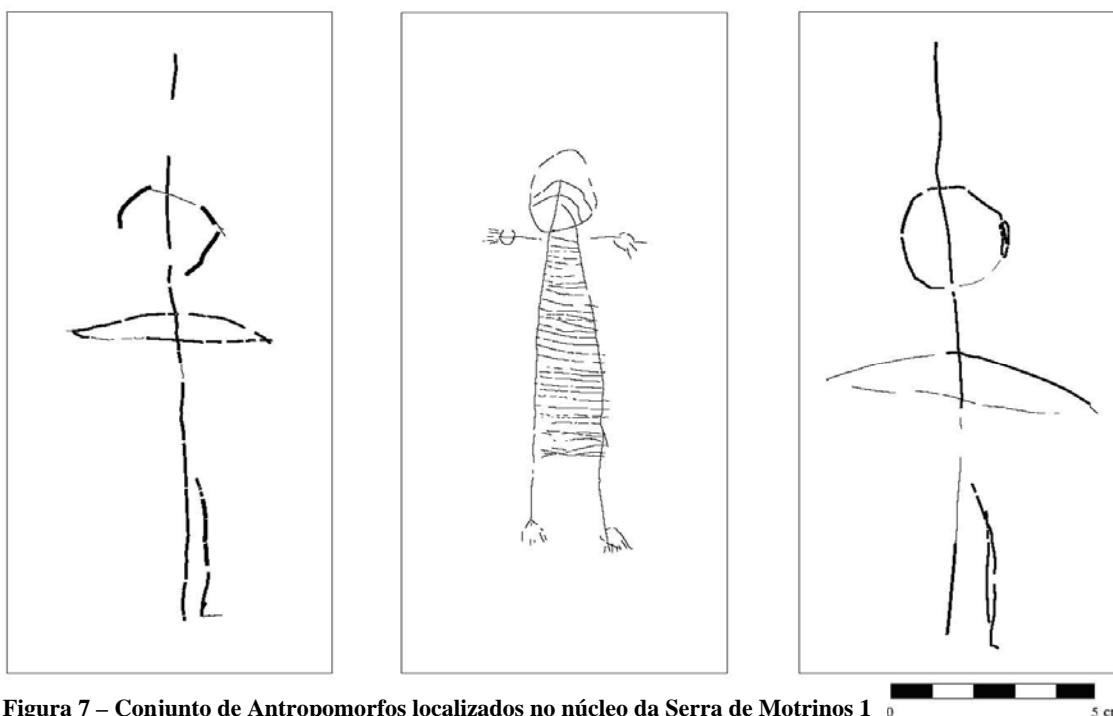


Figura 7 – Conjunto de Antropomorfos localizados no núcleo da Serra de Motrinos 1

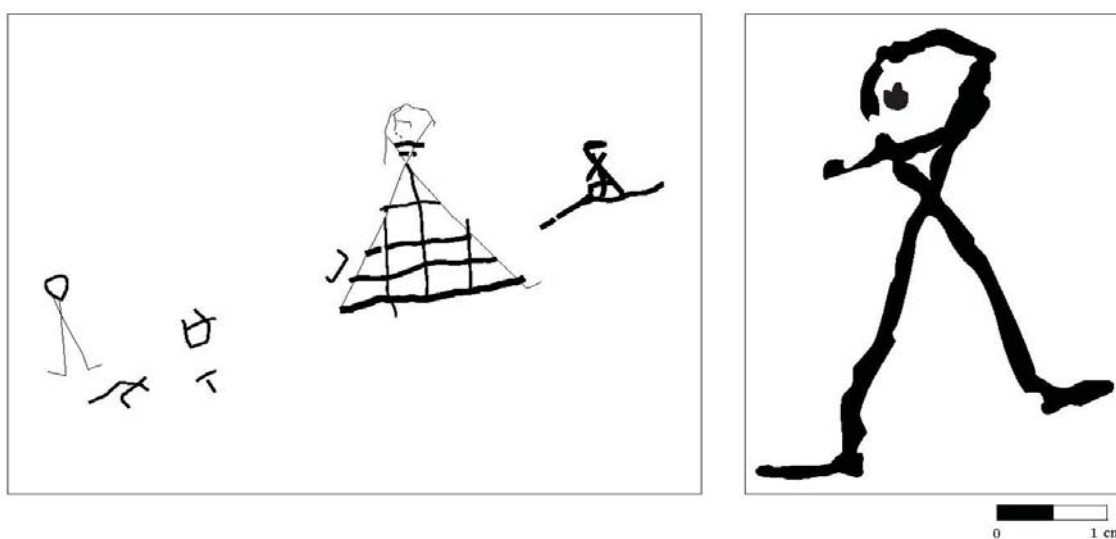


Figura 8 - Conjunto de Antropomorfos localizados no núcleo da Serra de Motrinos 1

7. Bibliografia

(2000) INVENTÁRIO. *Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz*. Beja: EDIA, N° 2, p. 316-363.

BAPTISTA, A.M. (2002) – Arte rupestre na área de influência da Barragem do Alqueva em Portugal. *Almadan*. II série, 11, p. 158-164.

CALADO, M. (2001a) – *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: IPA.

CALADO, M. (2001b) – *Levantamento e Estudo da Arte Rupestre do Guadiana. Relatório de Prospecções*. Relatório inédito.

CALADO, M. (2002) – Povoamento Pré - e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. Blocos 2 e 8. *Al-madan*. Almada. 2ª série: 11, p. 122-127.

CALADO, M. (2002c) – Standing Stones and Natural Outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo. In SCARRE, C. – *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, p. 17-35.

CALADO, M. (2002d) – The Revolution of the Stones. In FIGUEIRA, E.; SAÚDE, S.; SANTOS, J.A.; RODRIGUES, A. (Eds) – *Tourism and Sustainable Development in Rural Marginal Areas*. Arraiolos: Monte.

CALADO, M. (2004a) – Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. *Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

CALADO, M. (2004b) - Menires do Alentejo Central: Génese e Evolução da paisagem megalítica regional. <http://www.crookscape.org/tesemc/tese.html>

CALADO, M., MATALOTO, R., BARRADAS, M. (1999) - Povoamento proto-histórico no Alentejo central. *Actas do 1º Congresso de Proto-história Europeia, Guimarães, 1999*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1, p. 363-386.

CALADO, M., MATALOTO, R; ROCHA, A. (2007) – Povoamento proto-histórico na margem direita do Regolho do Alqueva (Alentejo, Portugal) – In DIAS, A.R; SOLDEVILA, I.P. (Eds.) – *Arqueologia de la Tierra, Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 129-179.

CALADO, M; ROCHA, L. (1996-1997) – Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*, II série, 2, p. 35-56.

CALADO, M; ROCHA, L. (1997) – Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. Reguengos de Monsaraz*: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, 1, p. 99-130.

CALADO, M; ROCHA, L. (2007b) – As primeiras sociedades campesinas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. *Actas de las Jornadas de Arqueologia del Museo de Cáceres. Memorias*. Junta da Extremadura/ Consejería de Cultura y Turismo: Museo de Cáceres. 6, p.29-46.

CARVALHOSA, A; ZBYSZEWSKI, G. (1991) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 40-B, REGUENGOS de MONSARAZ*. Lisboa: S.G.P.

COLLADO GIRALDO, H. (2004) - Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. In CALADO, M. (ed.) – *Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

COLLADO GIRALDO, H. (2006) – Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: El conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel – Cheles). *Memórias d'Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. Beja: EDIA.

CORREIA, S. (2002) – Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva. Blocos 4 e 7 do Plano de Minimização de Impactes Arqueológicos. *Al-madan*, 2ª série: 11, p. 109-116

DAVEAU, S. (1985) - *Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

GOMES, M.V. (1994) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português – trabalhos recentes e estudo da questão. *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu: p. 317-342.

GOMES, M.V. (2000a) – Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos. In SILVA, A.C. (Ed.) *Das pedras do Xerez às novas terras da Luz*. Beja: Edia, p. 17-190.

GOMES, M.V. (2000b) – O menir e o recinto do Barrocal. *Resumo das comunicações apresentadas ao II Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000)*, p. 25.

GOMES, M.V. (2007) – Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. V. 10, nº 1, p. 43-72.

GONÇALVES, J.P. (1962) – Monsaraz e o seu termo. *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora. 2-3, p. 146-158.

GONÇALVES, J.P. (1970) – Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. Lisboa. 9ª série: 2, p. 151-176.

GONÇALVES, J.P. (1972) – Arte rupestre de Monsaraz. *Arquivo do Centro Cultural Português*. Paris. 5, p. 489-502.

GONÇALVES, V.S. (1992) – Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. *Cadernos da UNIARQ*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 2, p. 264.

GONÇALVES, V.S. (1994) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Actas do Seminário sobre o Megalitismo do Centro de Portugal*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos, 2), p. 115-135.

GONÇALVES, V.S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: MNA.

GONÇALVES, V.S. (2002) – Intervenções arqueológicas em monumentos do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela barragem de Alqueva: um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5:1, p. 39-65.

GONÇALVES, V.S. (2003b) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 1.

GONÇALVES, V.S. (2006) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As placas híbridas. Definição do conceito. Alguns poucos exemplos. De novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 9:2, p. 27-59.

GONÇALVES, V.S. (Ed.) (2000) - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA.

GONÇALVES, V.S., SOUSA, A.C. (2003) – Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), p. 199-226

GONÇALVES, V.S; BALBÍN-BEHRMANN, R; BUENO-RAMIREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*, A Coruña, 10, p. 235-254.

HOSKIN, M; CALADO, M. (1998) – Orientations of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. *Archaeoastronomy*, 23, Cambridge, p. S77-82.odrigo, Évora. *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico*. Coimbra, p. 459-474.

LEISNER, G. e V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.1985).

LEISNER, G. e V. (1956) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.

MATALOTO, R. (2002) – Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5:1, p. 161-220.

MATALOTO, R. (2003) – *Um «Monte» da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa. Ruralidade e povoamento no 1º milénio a. C. do Alentejo Central*. Lisboa: IPA.

PAÇO, A., GONÇALVES, J.P. (1962) – Castelo Velho do Degebe. (Reguengos de Monsaraz). 1 - Reconhecimento preliminar. *Actas do 26º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 313-316.

PERDIGÃO, J.C. (1971) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da folha 41-A, MONSARAZ*. Lisboa: S.G.P.

PINA, H.L. (1971) – Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora. *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1970*. Coimbra: Junta Nacional de Educação, 1, p. 151-162.

RIBEIRO, O. (1987b) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa

ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa. FLUL. Tese de doutoramento policopiada.

SILVA, A. C. (1996) – *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva. Quadro Geral de Referência*. S.l.: Edia.

SILVA, A. C. (1999) – Salvamento arqueológico no Guadiana. *Memórias d' Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva*. Beja: Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, 1, p. 416.

SOARES, J., SILVA, C.T. (1992) – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.

VALERA, A., LAGO, M., DUARTE, C., EVANGELISTA, L.S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdighões. *(Era) Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 84-109.

VASCONCELLOS, J.L. (1895) – Antas de Monsaraz. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª Série: 1, p. 279.



III TALLER INTERNACIONAL DE ARTE RUPESTRE

Página 134 de 136

VASCONCELLOS, J.L. (1895) – Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alentejo). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª Série: 1, p. 222-223.

ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O., SOUSA, H. R., NORTH, C. T., LEITÃO, M (1977) - Nouvelles decouvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 61, p. 63-73.